

MENINOS VESTEM AZUL E MENINAS VESTEM ROSA? CULTURA VISUAL E A PROBLEMATIZAÇÃO DA PRODUÇÃO DE MASCULINIDADES E FEMINILIDADES NAS ESCOLAS.

Soraya Ayumi Tory (PIBIC/CNPq/FA/Uem), João Paulo Baliscei (Orientador),
e-mail: sorayatory@gmail.com.

Universidade Estadual de Maringá / O Centro de Ciências Humanas, Letras
e Artes (CCH) /Maringá, PR.

Área: 80300006 – Artes. **Subárea:** 80310001 - Educação Artística.

Palavras-chave: cultura visual, cor, estudos de gênero.

Resumo:

Como a cor, enquanto elemento formal das Artes Visuais, tem sido utilizada para significar masculinidades e feminilidades de sujeitos infantis? Neste estudo de metodologia bibliográfica e documental, nos dedicamos à análise de artefatos culturais marcados pelas *hashtags* #meninovesteaazul e #meninavesterosa, no Instagram, entre os dias 01 e 31 de julho de 2020, uma vez que o isolamento social decorrente da pandemia de COVID-19 tem movido relações de comunicação e de ensino e aprendizagem para meios virtuais. Problematizamos as visualidades que encontramos a partir dos Estudos da Cultura Visual e dos Estudos de Gênero e identificamos o uso generificado das cores azul e rosa na construção de identidades estereotipadas e reducionistas de gênero.

Introdução

Como a cor, enquanto elemento formal das Artes Visuais, tem sido utilizada para significar masculinidades e feminilidades de sujeitos infantis? Quais as contribuições do ensino de Arte para promover reflexões acerca da construção visual e cromática dos gêneros?

Propomo-nos a encontrar e analisar artefatos que façam usos estratégicos e generificado das cores na significação de corpos e comportamentos infantis nas redes sociais a partir da busca de postagens com as *hashtags* #meninovesteaazul e #meninavesterosa, no Instagram, entre os dias 01 e 31 de julho de 2020.

Tanto a adoção de objetos de análise advindos de uma rede social quanto o recorte temporal adotado para a seleção de tais objetos foram diretamente afetados pelas políticas de isolamento social adotadas no Brasil, em 2020, e, portanto, se fazem relevantes em um contexto em que as relações de ensino-aprendizagem têm se realizado principalmente por meios virtuais.

Levantamos a hipótese de que as cores azul e rosa são utilizadas de forma genérica e ampla em uma série de artefatos visuais para significar e prescrever identidades específicas de gênero e sexualidade, direcionando meninos e meninas a adotarem identidades de gênero hegemônicas e não outras. Logo, a necessidade deste estudo se faz evidente a partir da afirmativa de Susana Rangel Vieira da Cunha (2010) de que as pedagogias da visualidade constroem saberes e conhecimentos que circulam, existem e reverberam sobre nós, mas que não são aprendidos e ensinados de modo formal ou explícito.

Materiais e métodos

Tomamos os Estudos da Cultura Visual e os Estudos de Gênero como campos de fundamentação e investigação para desenvolver aquilo que Antônio Joaquim Severino (2007) denomina de pesquisa bibliográfica. Ademais, utilizamos também da metodologia documental, o que significa que adotamos documentos como fonte de pesquisa, no caso, temos especificamente postagens em redes sociais como elemento de análise.

A partir de um recorte que contemplou os artefatos visuais postados no Instagram entre os dias 01 e 31 de julho de 2020, nos deparamos com dez publicações utilizando da *hashtag* #meninovesteazul e vinte publicações utilizando a *hashtag* #meninavesterosa. Considerando a possibilidade de exclusão ou arquivamento das publicações postadas nas redes sociais, mencionamos que o recolhimento dos documentos de análise se deu no dia 03 de agosto de 2020.

Seis publicações da *hashtag* #meninavesterosa apresentavam mais de uma imagem por postagem, nestes casos somente a primeira imagem de cada publicação foi abordada. Em ambas as *hashtags* uma mesma imagem foi postada duas vezes, por dois perfis diferentes, nesta situação optamos por não a duplicar, mantendo-a uma única vez em cada *hashtag*.

Dentre as publicações contidas nesse recorte, uma postagem da *hashtag* #meninovesteazul e uma postagem da *hashtag* #meninavesterosa possuía como conteúdo um mesmo vídeo, esse vídeo foi por nós descartado, devido a sua especificidade e extensão.

Partindo dos critérios apresentados, neste estudo, voltamo-nos para a análise de nove imagens ligadas à *hashtag* #meninovesteazul e dezenove imagens ligadas à *hashtag* #meninavesterosa.

Resultados e Discussão

Como posto por Constantina Xavier Filha (2012), o uso da cor rosa associado a meninas e o uso da cor azul associado a meninos vai para além do gosto pessoal por uma ou outra cor e se faz uma questão social. Aprende-se desde cedo que meninas se identificam e são identificadas pela cor rosa e meninos pela cor azul. Tais cores constituem marcas identitárias hegemônicas e legitimam formas específicas de ser homem e de ser mulher,

recusando outros pensamentos sobre formas de ser masculino e/ou ser feminino.

Logo, em conformidade com a nossa hipótese inicial, identificamos esses mesmos usos específico da cor em postagens de ambas as *hashtags* pesquisadas. Assim, concordamos com Guacira Lopes Louro (2016, p. 89): “[...] corpos considerados ‘normais’ e ‘comuns’ são, também, produzidos através de uma série de artefatos, acessórios, gestos e atitudes que uma sociedade arbitrariamente elegeu como adequados”. Portanto, até mesmo o gênero e a sexualidade daqueles e daquelas considerados “normais” tratam-se de construções sociais que são atravessadas, dentre outras coisas, pelo uso estratégico das cores.

Segundo Claudia Regina Renda Bísvaro (2009), junto ao uso estereotipado das cores para designar e diferenciar gêneros específicos há a concepção de que meninos e meninas não podem se misturar. Os meninos são tidos como fortes e ligados brincadeiras violentas, enquanto as meninas são tidas como organizadas, caprichosas e delicadas.

Sobre essa questão, identificamos objetos de cor rosa em postagem da *hashtag* #meninovesteazul e objetos de cor azul na *hashtag* #meninavesterosa. Interpretamos que o uso dessas cores de modo desviante de suas aplicações hegemônicas - rosa para os meninos e azul para as meninas, em determinadas postagens - representa uma flexibilização na forma como as cores azul e rosa designam as identidades masculinas e femininas. Porém, em muitos casos, a flexibilização proposta para o uso das cores rosa e azul ainda é limitada.

De modo diferente, encontramos também imagens que ativamente contestam, questionam e subvertem o uso estereotipado das cores azul e rosa. Filha (2012) nos diz que tais cores são elementos constituintes de uma pedagogia de gênero, sendo assim, elas interagem com os sujeitos que de forma ativa podem rejeitar, confrontar, dialogar, aceitar e/ou questionar as demarcações e proposições hegemônicas e ideias de gênero ligadas socialmente a essas cores.

Observamos em imagens que colocam o sujeito de que falam em uma posição de fronteira entre as cores azul e rosa um espaço para interpretações acerca dos significados de uma posição entre os ideais hegemônicos de masculinidade e feminilidade representados por essas cores.

Nesse sentido, Bísvaro (2009) nos lembra que transgressões às ideias de que meninas vestem rosa, brincam de boneca e de cozinha e são meigas e carinhosa e de que meninos vestem azul, brincam de carrinho e futebol, são desordeiros, fortes e agressivos são frequentemente vistas como um “problema” e um desvio.

Conclusões

No âmbito das redes sociais, nossos estudos apontaram que as cores azul e rosa são amplamente utilizadas na significação de masculinidade e

feminilidades. Como aponta Maria Isabel Edelweiss Bujes (2000), a construção de saberes acerca das infâncias se conecta diretamente à regulação dos comportamentos e dos corpos das crianças, bem como também à instituição de práticas pedagógicas direcionadas aos sujeitos infantis. Assim, afirmamos que declarações como “menino veste azul e menina veste rosa” mais do que descrevem as infâncias, as produzem, uma vez que as associações discursivas e visuais feitas entre rosa e menina, e azul e menino, geram desdobramentos nos corpos e comportamentos das crianças e também nas experiências escolares de meninos e meninas.

Acreditamos que antes de aceitar e reproduzir as cores rosa e azul como marcadores, respectivamente, de feminilidade e masculinidade, cabe problematizar e refletir sobre os processos que inscrevem essas marcas a meninas e meninos. Dessa forma, concordamos novamente com Cunha (2010) e consideramos relevante que as escolas e os profissionais da educação lancem um olhar crítico e atento sobre os universos visuais que rondam as infâncias.

Agradecimentos

Agradeço ao meu orientador, João Paulo Baliscei, ao Grupo de Pesquisa em Arte, Educação e Imagens – ARTEI, à minha família e aos meus amigos.

Referências

BÍSCARO, Claudia Regina Renda. **A construção das identidades de gênero na educação infantil**. Dissertação (Mestrado) Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2009.

BUJES, Maria Isabel Edelweiss. O fio e a trama: as crianças nas malhas do poder. **Educação & Realidade**, v. 25, n. 1, 2000.

CUNHA, Susana Rangel Vieira da. Menin@s nas tramas da cultura visual. In: BUSSOLETTI, Denise; MEIRA, Mirela (orgs.). **Infâncias em passagens**. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária da UFPel, 2010, p.55-78.

FILHA, Constantina Xavier. A menina e o menino que brincavam de ser: representações de gênero e sexualidade em pesquisa com crianças. **Revista Brasileira de Educação**, v. 17, n. 51, p. 627-646, 2012.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho - ensaios sobre a sexualidade e teoria queer**. 2. ed. 3. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

SEVERINO, Antônio. Teoria e prática científica. In: _____. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23. ed. São Paulo: Câmara Brasileira do Livro, p. 99-126, 2007.